

# Educação em rede

*Uma visão emancipadora*



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Gomez, Margarita Victoria

Educação em rede : uma visão emancipadora / Margarita Victoria  
Gomez. – 2. ed. rev. e ampl. – São Paulo : Cortez Editora, 2025.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5555-556-1

1. Cultura digital 2. Educação 3. Ensino a distância 4. Internet (Rede de computador) na educação 5. Pedagogia 6. Tecnologia educacional  
I. Título.

25-258300

CDD-370

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação 370

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

MARGARITA VICTORIA GOMEZ

# Educação em rede

*Uma visão emancipadora*

2ª edição revista e ampliada

São Paulo - SP

---

2025

 **CORTEZ**  
EDITORA

EDUCAÇÃO EM REDE: UMA VISÃO EMANCIPADORA  
Margarita Victoria Gomez

*Direção editorial:* Miriam Cortez  
*Coordenação editorial:* Danilo A. Q. Morales  
*Assistente editorial:* Amarilis Oliveira  
*Preparação de originais:* Silvana C. Leite  
Tatiana Tanaka  
*Revisão:* Ana Paula Luccisano  
Tuca Dantas  
*Diagramação:* Linea Editora  
*Capa:* Desígnios Editoriais/Maurelio Barbosa  
*Produtor gráfico:* José Garcia Filho

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa da autora e dos editores.

© 2025 by Autora

Direitos para esta edição  
CORTEZ EDITORA  
Rua Bartira, 317 — Perdizes  
05009-000 — São Paulo — SP  
Tel.: (11) 3864-0111  
e-mail: [editorial@cortezeditora.com.br](mailto:editorial@cortezeditora.com.br)  
[www.cortezeditora.com.br](http://www.cortezeditora.com.br)

Impresso no Brasil — agosto de 2025

*[...] naquele momento, a gente se transformou também em matemáticos. A vida que vira existência se matematiza. Para mim, disse ele [Paulo Freire], eu acho que uma preocupação fundamental, não apenas dos matemáticos, mas de todos nós, sobretudo dos educadores, aos quais cabem certas decifrações do mundo, deveria ser a de propor aos jovens, estudantes, alunos, homens do campo, que antes e ao mesmo tempo que descobrem que 4 por 4 são 16, descobrem, também, que há uma forma matemática de estar no mundo.*

Freire, in D'Ambrósio (2021, p. xi)



*Nós podemos reinventar o mundo.*

Paulo Freire





## SUMÁRIO

|                                                                               |    |
|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| Apresentação à 2ª edição .....                                                | 13 |
| Prefácio à 1ª edição .....                                                    | 21 |
| Introdução à 1ª edição: A educação em rede na sua dimensão emancipadora ..... | 25 |

### PRIMEIRA PARTE

## EDUCAÇÃO EM REDE

|                                                                     |        |
|---------------------------------------------------------------------|--------|
| CAPÍTULO 1   Concepções de rede .....                               | 31     |
| A rede na mitologia: decifra-me ou devoro-te.....                   | 32     |
| Redes hierárquicas, sistêmicas, híbridas e rizomáticas .....        | 34     |
| Redes e internet.....                                               | 40     |
| Redes e linguagem .....                                             | 46     |
| Redes e Educação .....                                              | 51     |
| Redes educativas dialógicas.....                                    | 56     |
| <br>CAPÍTULO 2   Comunicação, fala, leitura e escrita em rede ..... | <br>65 |
| Reorientando a leitura em rede na escola .....                      | 67     |
| A competência e a identidade docente .....                          | 73     |
| A carnavalização da linguagem .....                                 | 80     |

|            |                                                                                     |     |
|------------|-------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| CAPÍTULO 3 | As subjetividades em rede: relações                                                 |     |
|            | reais/virtuais .....                                                                | 86  |
|            | O processo de subjetivação na rede.....                                             | 89  |
|            | As interfaces das interfaces.....                                                   | 93  |
|            | O espaço virtual.....                                                               | 96  |
|            | O sujeito pedagógico na rede.....                                                   | 99  |
|            | A tarefa docente .....                                                              | 101 |
|            | “Devir outro” na educação: o “ser processual” .....                                 | 102 |
| CAPÍTULO 4 | A experiência como dispositivo pedagógico .....                                     | 107 |
|            | Tecendo experiências humanas em relação a uma nova<br>organização dos saberes ..... | 111 |

## SEGUNDA PARTE

### O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO DESENHO DO PROJETO À PRÁXIS PEDAGÓGICA

|            |                                                                                    |     |
|------------|------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| CAPÍTULO 5 | A mediação e o desenho no projeto pedagógico ...                                   | 133 |
|            | O futuro da educação ou a educação do futuro.....                                  | 139 |
|            | O <i>design</i> educativo .....                                                    | 142 |
|            | O <i>storyboard</i> ou roteiro construído coletivamente.....                       | 146 |
|            | O saber anunciado: a mediação na produção de<br>experiências .....                 | 149 |
| CAPÍTULO 6 | Etapas fundamentais para o processo de criação<br>de um curso <i>on-line</i> ..... | 156 |
|            | Bases para a elaboração do projeto pedagógico.....                                 | 157 |
|            | A participação de estudantes e a escolha dos <i>softwares</i> .....                | 161 |
|            | O projeto educativo e a mediação .....                                             | 171 |
|            | Braços reais e abraços virtuais.....                                               | 175 |

|            |                                                                |     |
|------------|----------------------------------------------------------------|-----|
| CAPÍTULO 7 | Possibilidades da avaliação nos cursos <i>on-line</i> ....     | 183 |
|            | A avaliação na educação em rede .....                          | 184 |
|            | A avaliação dos <i>softwares</i> e do aprendizado em rede..... | 187 |
|            | A avaliação formativa processual .....                         | 196 |
|            | A ética na esfera virtual.....                                 | 199 |
| <br>       |                                                                |     |
| CAPÍTULO 8 | Por uma pedagogia da virtualidade .....                        | 204 |
|            | A dimensão filosófica.....                                     | 212 |
|            | A dimensão ontológica .....                                    | 213 |
|            | A dimensão antropológica .....                                 | 214 |
|            | A dimensão gnosiológica.....                                   | 215 |
|            | A dimensão da constituição de subjetividades.....              | 216 |
|            | A dimensão político-pedagógica.....                            | 218 |
|            | A dimensão ética e estética .....                              | 222 |
|            | A dimensão tecnológica.....                                    | 224 |
|            | A dimensão rizomática .....                                    | 225 |
| <br>       |                                                                |     |
|            | Referências .....                                              | 229 |
|            | Sobre a autora.....                                            | 247 |



## APRESENTAÇÃO À 2ª EDIÇÃO

Nesta nova edição, foram introduzidas mudanças significativas em relação à primeira. O texto foi cuidadosamente revisado para adotar uma linguagem mais emancipadora, e, ao final de cada capítulo, sugerida uma atividade pedagógica, para a formação de professores e estudantes. Foram atualizadas tabelas e imagens que destacam aspectos-chave do texto, bem como referências adicionais para enriquecer a leitura.

Convidam-se os leitores não apenas a explorar o conteúdo, mas também a utilizá-lo como ponto de partida, ou de interseção, para desenvolver atividades formativas que promovam uma reflexão crítica e práticas transformadoras no âmbito educacional. Essa utilização não se limitará ao uso simples de tecnologias, mas exigirá a interação entre pares, estudantes e comunidade na colaboração e nas trocas de experiências que favoreçam a educação inovadora com qualidade social no ambiente virtual.

A Caixa de Pandora<sup>1</sup> está aberta, “decifra-me ou te devoro” era a premissa “computacional” no início deste milênio. Docentes, cercados

---

1. Esse mito pode traduzir múltiplas conexões e desdobramentos. Pandora é um personagem mitológico grego, a primeira mulher criada pelos deuses, à qual outorgaram todo tipo de qualidades. Quando, por curiosidade, Pandora abriu uma jarra que trouxera do Olimpo como presente de casamento, dela fugiram todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens. Pandora ainda tentou fechar a jarra, mas era tarde demais: ela estava vazia, com exceção da “esperança”, que permaneceu presa junto à borda. Agora cabe perguntar se nós também deixaremos escapar todos os males com o uso indevido da informática, deixando apenas a esperança (ver Brandão, 1987, p. 167-168).

por tecnologias digitais, estão motivados a explorar algoritmos e a inteligência artificial (IA) como um artifício para evitar serem devorados?

Ao longo desta nova edição, reafirmamos a relevância da educação em rede sob a perspectiva emancipadora que potencie pedagogicamente o uso das tecnologias digitais, como um dispositivo que promove o diálogo nas relações interpessoais para evitar a perpetuação de problemas de aprendizagem.

Desse modo, o leitor é provocado a refletir com base em algumas questões: qual é a importância das redes educativas dialógicas na educação contemporânea? Quais operadores de leitura, escrita, fala e escuta oferecidos pelas tecnologias digitais reorientam a compreensão leitora? O que se entende por “devir Outro” na educação e como isso se relaciona com o “ser processual”? Quais são as principais diferenças entre a avaliação formativa processual e a avaliação tradicional no contexto da educação em rede? Quais são as dimensões da pedagogia da virtualidade que sustentam a educação em rede emancipadora e rizomática<sup>2</sup>?

Embora o livro não tenha como foco a inteligência artificial generativa (IAG), ele não a ignora. Pelo contrário, propõe que o contexto educacional seja analisado sob outra perspectiva, pois a IA está presente há décadas. IA e *Machine Learning* (aprendizado de máquina), sustentados por fundamentos da Matemática, da Estatística e da Computação, oferecem o marco conceitual e os métodos adequados para compreender e interpretar o mundo, especialmente no que se refere a dados, padrões e tomadas de decisão.

É oportuno lembrar o leitor que, durante e pós-pandemia da covid-19, a IA foi um marco significativo na geração de textos “coerentes e criativos”, em diferentes formatos e idiomas. Isto ajudou a mitigar alguns dos problemas levantados naquele momento e a dar continuidade ao aprendizado de todas as pessoas envolvidas.

---

2. Um rizoma, conceito desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, é uma estrutura não hierárquica, descentralizada e multidimensional que propicia múltiplas conexões, permitindo que qualquer ponto se conecte com outro.

A pandemia expôs claramente que saúde e educação andam juntas, são direitos inalienáveis das pessoas e responsabilidades do Estado.

Docentes e estudantes passaram por situações sociais capazes de afetar o aspecto cognitivo e emocional, o que provoca o aumento dos níveis de ansiedade por questões econômico-ambientais, o *burnout* ou o “*bullying on-line*”. O contexto social mudou, assim como os modos de comunicação. A comunicação para o bem-estar público encontrou acolhimento na tecnologia que se instalou nas moradias e se sentou no banquete da digitalização educacional. A IAG foi ocupando seu lugar de mãos dadas com as empresas tecnológicas *Big Techs*, que influenciam fortemente as inovações e a educação. As pessoas ficaram confinadas em suas casas, assistindo ao fortalecimento da economia digital sem qualquer tipo de regulamentação para o uso das redes sociais. As plataformas e os aplicativos mantiveram as pessoas conectadas, trabalhando e estudando “remotamente”, acirrando ainda mais a falta de foco nos relacionamentos com outros de modo presencial, mas, talvez, não tanto na relação permeada pelos algoritmos. Porém, o que aprendemos com a pandemia e o confinamento? Aprendemos sobre tecnologias? Somos mais solidários e colaborativos no processo de aprendizagem?

O plano de modernização do Estado e uma “coalizão” global de alfabetização digital foram iniciativas com força disruptiva em todos os aspectos da vida. Alguns benefícios da tecnologia trouxeram um pouco de bem-estar humano (trabalho remoto, educação “remota”, consultas médicas *on-line* etc.). Mas algumas problemáticas, como a infraestrutura deficiente, o desconhecimento das utilizações pedagógicas das várias possibilidades oferecidas, a falta de regulamentação do uso da internet, das redes sociais, das plataformas e das *Big Techs*, a irresponsabilidade com a privacidade e a segurança de dados sensíveis, fazem parte das questões urgentes atuais.

O GovTech se concentrou na digitalização da gestão pública, da saúde e da educação. A plataforma da educação, a incorporação digitalizada dos dados e sua algoritmização fortaleceram as bases para treinar a inteligência artificial. O governo federal está alerta

para defender sua soberania, no sentido de não permitir que a ação das *Big Techs* se sobreponha às disposições nacionais, embora abra o diálogo com essas empresas.

O Estado e o Ministério da Educação se modernizaram em plataformas (Lei n. 14.129, de 29 de março de 2021). Explicitou-se a relação da era do conhecimento para a das *fake news* (CPI 2019). Trabalhou-se no Marco Civil da Internet (MCI) (Lei n. 12.965, de 23 de abril de 2014), que protege a privacidade dos dados pessoais, e na Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD, Lei n. 13.709, de 14 de agosto de 2018), que regulamenta os “usos” e a transferência desses dados, pensando no “usuário”, e o processo foi judicializado.

Nesse contexto, pode-se considerar o já anunciado fim das redes de acesso aberto, por causa do extrativismo de dados sensíveis das pessoas sem a devida proteção da privacidade. O Estado se esforça para regular o uso de plataformas e da IAG. Por ora, a pauta atual são os seguintes Projetos de Lei (PLs): PL n. 104/2015, PL n. 129/2024 e PL n. 246/2024, que abriram uma consulta pública para que se argumente sobre benefícios ou riscos do uso de celular no processo de aprendizagem nas escolas. No estado de São Paulo, o uso dos dispositivos eletrônicos nas escolas foi regulamentado (Lei n. 18.058/24) no ensino básico, que abrange a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, mas com algumas permissões em situações específicas, além de orientações para seu uso. O Governo Federal sancionou, em janeiro de 2025, a Lei n. 15.100 que dispõe sobre a utilização de aparelhos eletrônicos pessoais nos estabelecimentos escolares.

Mas, além de proibições ou regulamentações, o ritmo frenético da “máquina que aprende” não para, não descansa, continua extraindo e analisando dados por algoritmos para identificar padrões e fazer previsões. Porém, a aprendizagem analítica da máquina se dirige para um foco específico em situações diversas. Sem flexibilidade ou adaptabilidade, seu uso é eficiente na área da educação para a análise de textos ou o reconhecimento de imagens, mas questionado ao apresentar-se como “sem opinião”, em que não há controle do direito à privacidade e dos vieses nos algoritmos.



Trata-se de outro aspecto, diferente da aprendizagem dos humanos, que têm uma história singular, uma experiência em certos contextos sociais, que pensam, tomam partido, refletem, intuem, criam, criticam, raciocinam, decidem coletivamente. A criatividade do ser humano analógico que a programou pede uma pausa, uma reflexão, um diálogo entre criadores, governos e a sociedade civil organizada para um uso que possa ser considerado responsável.

Não há pausa. É momento de aprender o contexto complexo com docentes, estudantes e a sociedade para lidar com essa situação. É oportuno refletir sobre em que momento um sistema esquizoide nos torna indiferentes às relações sociais e propicia atividades solitárias; em que momento nos identificamos mais com os algoritmos e menos com os humanos. Como, a partir dessa nova realidade, podemos promover o pensamento crítico no contexto educativo?

Que mudança queremos e como desenhar o trabalho pedagógico em uma rede emancipadora? Quais responsabilidades, metodologias, temáticas e questões éticas devemos incorporar no processo de aprendizagem? Como lidar com as narrativas e os algoritmos das redes sociais que têm um desempenho fundamental na subjetividade? Quais são as pistas, as pegadas e os rastros da experiência de cada indivíduo e da sociedade como coletividade para uma educação de qualidade? Essas são algumas das questões fundamentais para uma educação emancipadora.

O desafio hoje é como investir na transparência, na confiança e na compreensão das tecnologias que tomam decisões por nós e influenciam nossa vida. Tornar o aprendizado mais compreensível exige o equilíbrio entre a tecnologia e a sua implementação. O uso da linguagem inclusiva tem-se mostrado um caminho para a cidadania também no ambiente virtual, pois incorpora, no processo de aprendizagem, o conhecimento das pessoas com algum tipo de deficiência. A linguagem reflete as mudanças sociais e abre, inclusive, um debate significativo na sociedade em relação à sua neutralidade, com adesões e resistências, quanto ao fato de passar a integrar a formação contínua.

Acreditamos que a justificativa para esta nova edição da obra *Educação em rede: uma visão emancipadora* é oferecer uma contribuição no campo do conhecimento, da experiência e da reflexão. Nessa perspectiva, propõe criar ambientes de aprendizagem mais colaborativos e interativos, onde estudantes e professores possam se comunicar entre si, motivados, mesmo que sem a presença física do docente e de colegas, para lidar com a dificuldade da falta de contato pessoal, que às vezes pode ser encontrada em um ambiente de sala de aula tradicional. Para enfrentar esses desafios nos cursos *on-line*, o livro aponta caminhos numa nova perspectiva emancipadora.

Nesse sentido, uma das dinâmicas que o livro reapresenta é o Círculo de Cultura Digital/Virtual, que, também na modalidade híbrida, combina o uso dos artefatos tecnológicos e o da linguagem artificial/natural, e pode ser esse lugar de curiosidade, investigação e criatividade para a produção de si e dos outros. O Círculo de Cultura Digital/Virtual, noção criada na nossa prática e reflexão no início do milênio, continua atual. A partir do âmbito empírico, existencial e teórico, obtêm-se o universo vocabular das pessoas, as palavras, as temáticas e os contextos geradores que emergem no processo de aprendizado. Devido ao seu peso histórico e semântico, essas palavras, termos, contextos se desdobram em outros aprendizados, com pertinência e sentido social. São dimensões e camadas (de aprendizagem em rede) que pedem para elaborar algumas questões e aprender outras, investigar a realidade para a transformação socioeducacional.

Para isso, a obra busca despertar a curiosidade no estudante/docente para elaborar boas perguntas. A questão continua sendo como educar, em tempos de inteligência artificial, por meio da pesquisa, da prática da sensibilidade, da arte e da solidariedade humana. A proposta pedagógica do livro busca conhecer, incorporar, compreender e interpretar o universo vocabular que emerge, também, do âmbito da economia digital e que se impõe na educação.

Por exemplo, expressões do âmbito da IA, como “tokenizar uma palavra” ou representar digitalmente “um ativo” com identificação única. Isso para referir-se a dividir uma sequência de texto em partes

menores denominadas “*tokens*”, que podem ser palavras, frases ou até caracteres (letras), dependendo do contexto. Podem-se tokenizar palavras das canções citadas no final deste texto, por exemplo, e obter diferentes níveis de “granularidade” ou detalhes. O mesmo ocorre com a letra, que pode se tornar um “*token*”. Poderíamos tokenizar a educação em rede? Continuará sendo educação ou será apenas um ativo do sistema produtivo ou especulativo?

Deve-se reconhecer, ainda, a complexidade de tornar práticos os termos provenientes do uso no campo da saúde. Por exemplo, o conceito de “explicabilidade” ou “interpretabilidade” para compreender os detalhes por trás do funcionamento de algoritmos, explicando seu processo decisório relacionado à responsabilidade algorítmica e à transparência dos processos de aprendizado de máquina. Como entender o avanço da IA Explicável (XAI) para tornar os sistemas de IA em educação mais acessíveis, éticos e seguros? (cf. Lima, 2022.)

A educação em rede em uma perspectiva emancipadora é desafiada por várias áreas de conhecimento, mas se potencializa nelas e na apropriação tecnológica com base nos princípios de uma educação crítica: o que inclui o conceito de rizoma, a mediação e o *design* participativo. E a ética e a vontade político-pedagógica dos sujeitos ajudam a demarcar o território híbrido onde nos cabe ensinar e aprender.

A obra pretende oferecer uma contribuição às instituições de formação, aos docentes e aos estudantes que investem em ensino, pesquisa, ação social e ciência; em trabalho colaborativo com humanos e “quase humanos”, e que poderão refletir sobre uma educação que se estende para além do furor tecnológico e normativo. Ao leitor atento, este livro despertará a reflexão individual e grupal; quem registrará o que entendeu, mas sobretudo o que não entendeu e gostaria de perguntar ao professor, a um colega de estudo, a alguém da família; e até poderá consultar o assistente “*chatbot*”<sup>3</sup>.

---

3. Trata-se de um programa de computador que permite simular esse tipo de conversa, em vários idiomas, com usuários humanos; na educação, serve como assistente virtual 24/7.

Essa análise da realidade nos permitirá compreender esse trânsito e afirmar que nos encontramos, assim, novamente diante da Caixa de Pandora. Não há dúvidas de que “a educação transforma as pessoas que transformam o mundo”; é tempo de nos prepararmos para a era digital emancipadora e cidadã. E como canta Cazuza, “O tempo não para”, sendo que muitos querem ir “De volta para o futuro” (Fabio Brazza); e nós aqui, “maratonistas do sinal vermelho” (João Bosco), decifrando os sinais dos tempos para estarmos preparados e educarmos em outros contextos. O livro está aberto. Convidamos você, leitor, a refletir e se engajar com a proposta aqui apresentada.

## PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO\*

A educação começa por um encontro. Educamo-nos sempre “em comunhão”, como dizia Paulo Freire. Como qualquer forma de educação, a educação pela internet supõe relação, presença, conectividade. Um encontro dá-se sempre num *campus*. O da internet é virtual, com especificidade própria, mas um *campus* que não exclui a relação, a presença, a conectividade.

Os desafios da prática de uma educação em rede são muitos, sobretudo no campo das metodologias, especialidade de Margarita. Ela sabe que não adianta distribuir **tecnologia** sem **ideologia**, sem formação, sem método, sem mudar o paradigma. E isso foi aprendido na prática. Aprender em rede supõe um paradigma educativo oposto ao paradigma individualista, hoje dominante. Educação em rede supõe conectividade, companheirismo, solidariedade. Entendida sob esse prisma, a aprendizagem em rede revela grande potencialidade. Um computador conectado com o mundo, em sintonia com o coração e a mente de professores e alunos, não será apenas mais uma tecnologia na escola. Ele poderá representar um grande salto qualitativo para ela.

[...] O novo meio exige uma visão mais construtivista e interacionista, em oposição ao instrumentalismo e à competitividade dominantes. Uma nova pedagogia, uma **pedagogia da virtualidade**, faz-se necessária. Não basta ser “usuário” de um computador ou

---

\* Nota: o livro preserva trechos do prefácio da primeira edição, devido a sua relevância.

saber “navegar” pela internet. Com a educação em rede, a formação centrou-se na aprendizagem. Muda, portanto, o foco da educação tradicional. A presença de um professor com uma nova postura é sempre indispensável. Esse é o desafio de uma educação que se torna produção, presença, interatividade, comunicação, mediação, acompanhamento.

[...] A passagem de uma cultura para outra é lenta e cheia de armadilhas. A primeira delas é tentar substituir o livro pelo computador. [...] O livro tem uma presença garantida na educação do futuro. Ele, aliás, é insubstituível. A cultura digital vem fortalecendo a cultura impressa. Uma não substitui a outra. [...] O livro atravessou os tempos cheios de magia e de encantamento, e tudo o que encanta é perene.

[...] Na verdade, a informática, que deu tanta velocidade à informação, acabou se tornando não apenas uma nova área de conhecimento, mas também uma área que perpassa, “organiza” todas as áreas do conhecimento. Na Idade Média, essa função era exercida pela Teologia, atravessando todas as ciências. Hoje, esse papel passou a ser exercido pela informática e, particularmente, pelo computador.

[...] Foi no campo da informação (militar) que essa tecnologia surgiu e foi no campo acadêmico das universidades que ela se desenvolveu. Parece que será exatamente no campo da educação que ela prestará seus maiores serviços à humanidade. Por isso, a democratização da informática, a **inclusão digital**, é tarefa progressista, urgente e necessária. O computador precisa ser popularizado.

A ideia de rede é, talvez, a mais notável noção da educação contemporânea. A obra do educador Ivan Illich, falecido em dezembro de 2002, foi profética a esse respeito: as comunidades virtuais representam hoje um grande avanço na renovação dos paradigmas educativos. A educação em rede atravessa as fronteiras das ciências, dos povos e das nações. Ela viabiliza a inter/transculturalidade. Ainda não temos ideia exata do que poderia representar um **currículo inter/transcultural** na educação. Virtualidade e inter/transculturalidade têm tudo em comum. [...]

O potencial das redes é enorme e precisa ser explorado de forma cooperativa, em rizoma. É o convite que Margarita nos faz neste livro. A informação é um bem social e, como tal, não deve ser utilizada como instrumento de lucro pelas “indústrias do conhecimento”. A informação é, acima de tudo, um direito, um direito fundamental, já que sem ela não temos acesso a outros direitos. Precisamos contaminar o planeta com essa ideia. A escola ainda não descobriu o potencial que ela tem como indutora, como emissora de ideias e projetos emancipatórios. [...] A “educação em rede” pode servir para essa necessária e urgente abertura da escola para o mundo. [...]

[...] Mas, em que o conceito de rede tem relação com as ideias de Paulo Freire? [...] A concepção freiriana de educação teria se antecipado à Era da Informática, como instrumento de construção da “inteligência coletiva” a que se refere Pierre Lévy, também mencionado por Margarita. E a ideia de “**círculo de cultura digital**”, configurada por ela, é um verdadeiro achado. [...] [A] virtualidade [vinculada] com a pedagogia do oprimido, a partir da metodologia dos círculos de cultura, seria veementemente defendida por ele — ele que era um pioneiro defensor e utilizador da tecnologia disponível nos projetos educacionais.

Uma outra ideia que nos parece importante, nesta obra de Margarita, é a de que, ainda que se universalizem os meios tecnológicos necessários para o acesso ao ciberespaço, a construção da sociedade da cibercultura só será possível com uma alfabetização digital [...] que retomasse os princípios de *Pedagogia do oprimido*, ou seja, a que se fizesse a partir dos olhares dos oprimidos, para que as novas riquezas sociais, derivadas dos processos produtivos coletivos, não sejam postas, mais uma vez, à disposição da dominação, como vem acontecendo, por exemplo, com a produção, a distribuição e o consumo de *softwares* que beneficiam exclusivamente as elites, defensoras de um projeto de sociedade que exclui as maiorias do banquete civilizatório.

[...] Em outras palavras, Margarita percebe e retoma a discussão que supera a polêmica do “ser a favor” *versus* “ser contra” a tecnologia,

ressaltando que o que importa nas relações da humanidade com os avanços científico-tecnológicos são as formas de sua utilização. [...] Se não houvesse outras, essas razões seriam suficientes para justificar a publicação desta obra [...], que se destina basicamente a educadores que, mesmo debatendo suas ideias, ombreiam-se no campo da defesa da escola pública cidadã.

*Moacir Gadotti e J. E. Romão, 2004*



## INTRODUÇÃO À 1ª EDIÇÃO

# A educação em rede na sua dimensão emancipadora

Desenvolver a educação em rede na sua dimensão emancipadora remete-nos ao educador latino-americano e ao professor Paulo Freire, que orienta nossas reflexões e práticas. Como Freire, somos radicais, porque propomos educar além da tecnologia: educar para a solidariedade humana. Uma proposta de educação no mundo digital ou mesmo de educação a distância para a formação de educadores perpassa a tecnologia, mas não a desconhece; reflete sobre ela, discute-a e a utiliza, pois é parte constitutiva do processo social de conhecimento.

É nessa perspectiva que o desenvolvimento de um projeto de educação a distância em espaços da internet considera como eixos o sujeito, a mediação pedagógica e o desenho participativo, pois, numa dimensão antropológica, o homem e a mulher, “ao estar sendo” em relação a si mesmos e aos outros, mediados pelo mundo, geram um processo cultural do qual os dispositivos da internet fazem parte.

Constatamos que, nessa cultura, o diálogo e a comunicação dão sustento a uma educação com novas tecnologias, pois é nessas dimensões que as pessoas se manifestam. Assim, diálogo, comunicação e tecnologias, por serem constitutivos das práticas educativas contemporâneas, não estão isentos de paradoxos e conflitos.

O desenvolvimento de uma proposta de educação a distância, em rede, como a apresentada neste livro, fundamenta-se em princípios básicos da educação popular, pois imbrica a dimensão política da educação, a organização social das pessoas a partir de seus saberes, o pronunciamento, a metodologia dialógica e a permanente relação texto/contexto. É, portanto, na leitura do mundo, na investigação, na tematização e na problematização dos fazeres, dizeres e saberes do educador e do educando que se busca um movimento de tomada de consciência e ação transformadora em uma sociedade crescentemente diversificada, multi, inter e transcultural.

A *web* foi transformando o modo de fazer cotidiano do educador e, quando aliada a sua prática, torna-se um dispositivo pedagógico planetário. Especialmente na atualidade, quando se tem assumido definitivamente que a educação se realiza em outros lugares além da escola, pode-se dizer que não existem fronteiras quando se utiliza a internet para a aprendizagem das pessoas.

A coerência com os princípios básicos da educação popular se estabelece quando constatamos que na internet opera o processo antropológico de “vir a ser”, o “devir”, que nos leva a percorrer caminhos insuspeitos, a ser eternos andarilhos na busca de nós, do outro e do mundo. É também numa abertura respeitosa aos outros que reconhecemos que não existe um “penso” individual e sim um “pensamos” como ato coletivo, resumido na frase de Freire (1975): “Ninguém educa a ninguém, os homens se educam entre si mediatisados por seu mundo”.

Assim, assumidos como sujeitos de um processo, como aquele sujeito oprimido, mas também como aquele da práxis que opera transformações numa situação desfavorável, reconhecemos aquele outro sujeito, que busca ser, em devir permanente, inacabado, produto do diálogo crítico, da reflexão e da ação social.

Um mundo interconectado nos apanha numa rede interior que tende a nos pulverizar mais que a nos libertar. Na “sociedade do conhecimento e da informação”, parece operar de maneira privilegiada a

prática do silêncio. Por isso, nos espaços de formação, devem-se abrir brechas para aprender, para discutir o significado e a importância social de ler, mas, sobretudo, deve-se ler, exercitar a leitura, aprender novos operadores de leitura e escrita e gerar os mais diversos espaços onde isso possa acontecer, tanto no presencial como no virtual.

Nossa experiência leitora da realidade é um processo que permite inserir-nos no mundo desvirtuando a cultura do silêncio, que nega e impede o pronunciamento ou a reinvenção da própria experiência. Tanto a leitura e a escrita básica quanto a codificação/decodificação de uma imagem na tela do computador, a maneira de realizar nossa leitura, nossa escrita, nossa fala na dinâmica do contexto multimedial serão coerentes com nosso Ser no mundo. Contrapomo-nos, assim, ao processo perverso da globalização e da algoritmização, em que se utilizam as tecnologias informáticas para gerar novos espaços de poder. Estas, relacionadas ao saber, ao conhecimento e às inovações educacionais e realizadas com orçamento internacional, desvirtuam as práticas educativas, negando a diversidade cultural e a soberania nacional.

Dar-mo-nos existência nas palavras, na fala por escrito, nos debates, nos bate-papos, nos fóruns, no *design* gráfico e nas páginas *web* é um ato político. É nesses atos que o homem, sendo um ser de relações e não de simples contatos, procura existir-se na rede. Essa afirmação envolve ações concretas, de modo a abrir espaços para o lazer, para estudar, ler, trabalhar e se relacionar a fim de enfrentar o isolamento.

Os espaços criados na internet como esferas de cultura favorecem o deixar acontecer os atos de fala, de leitura e escrita na sua dimensão emancipadora. Mas isso só começa pela compreensão crítica da alfabetização, aquela que se estende por toda a vida da pessoa e que, pela educação, incorpora modos mais complexos de leitura e de escrita, além do caderno, da lousa e da escola.

A educação no contexto digital deve ser vivenciada como uma prática concreta de libertação e de construção da história. E, aqui, devemos ser todos sujeitos aprendizes, solidários num projeto comum

de construção de uma sociedade na qual não exista mais a palavra do explorador e do explorado. O educador que organiza suas propostas de educação a partir da realidade dos participantes, de suas palavras, de seus saberes, linguagem, desejos, curiosidades e sonhos contribui com esse projeto de educação.

Essa leitura da realidade leva-nos a compreender que, na atualidade, a chamada Era da Informática e do conhecimento nos coloca novamente diante da Caixa de Pandora.

# PRIMEIRA PARTE

# EDUCAÇÃO EM REDE

Não sei se Jesus tinha a Internet em mente quando disse a seus incrédulos discípulos que lançassem suas redes ao mar.

*Claudio Giuliodori\**

---

\* Bispo italiano, ao anunciar a entrada da Igreja Católica na internet para atrair mais fiéis (*IstoÉ*, n. 1.590, 22 mar. 2000).



## CAPÍTULO 1

# Concepções de rede

A ideia de rede é tão forte quanto antiga. Quando falamos de rede, a primeira sensação que nos invade é a de serenidade, provocando sentimentos de expansão. No entanto, há outras redes que aparecem como cadeias, com uma conotação de polvo; é o caso, por exemplo, das redes de televisão. Acepções diversas vão despontando em nossas mentes: rede de espionagem, rede de emergência, rede de corrupção, rede de saúde pública, rede pública de educação, rede de computadores, internet. Enfim, a palavra-chave da sociedade interconectada é “globalização”, que possui em seu bojo a ideia de rede mundial aberta a múltiplas conexões.

O conceito de globalização envolve principalmente o processo econômico-cultural e confirma novos espaços de poder relacionados ao saber, à informação e ao conhecimento. Nesse espaço reticulado, o da sociedade global interconectada, circulam, em alta velocidade, quantidades infinitas de informações, entre as quais a divulgação de novos conhecimentos e a educação continuada. Isso gera uma cultura, uma identidade e um consumo em seu entorno.

O pensamento único, expressão conhecida através dos espanhóis Ignacio Ramonet (1995) e Joaquín Estefanía (1998) como crítica à dinâmica neoliberal, é proposto para caracterizar uma das principais ideias, referendada pelo neoliberalismo, de que o mercado é o único

pilar do funcionamento da economia e mobilização social, apesar das grandes discriminações produzidas em diversos países. Nesse contexto, a educação é considerada um serviço e não um direito: o educador e o educando seriam o capital humano, o conhecimento e os saberes seriam a matéria-prima e as relações tornam-se simples contatos.

É por isso, também, que a globalização neoliberal se sustenta, em parte, na ideia de que as tecnologias informáticas geram a sociedade do saber, na qual o conhecimento é a mercadoria oferecida no setor de serviço educativo e cada um pode ser seu banquinho para vendê-lo. Existe, contudo, uma outra globalização, não a do pensamento único, mas aquela que parte da utopia geral de globalizar as riquezas e a educação para construir uma sociedade mais humana. Nesta, as tecnologias permitem a criação de redes para a socialização dos conhecimentos gerados, evitando uma dependência cultural e intelectual, e não existem banquinhos que vendem significados.

Nas diversas acepções de rede, intimamente associadas aos símbolos do envolvimento e da devoração, encontram-se elementos para se refletir sobre a internet, esfera extrema do entretecido e do ligamento. Essa esfera não sugere uma saída pela vontade individual, pois, depois de se deixar apanhar, torna-se difícil desvencilhar-se. Estar na rede ou no enredamento? Eis a questão!

Conotações de rede, algumas por suas potencialidades bidimensionais com eixos delimitados e outras, por serem acêntricas, procedendo por variações múltiplas na comunidade virtual, com sua particular carga de simbolismo e modo de operar, emergem num trabalho educativo e, se consideradas, podem contribuir com a pedagogia da virtualidade.

## **A rede na mitologia: decifra-me ou devoro-te**

Desde a Antiguidade, a imagem da rede tem estado presente nas mais diversas culturas como um entrelaçado de representações